

Pelo método coercivo até se podem recrutar BA's

Dom.
4/12/86

— alerta Júlio Maela Tomás

O leão que trazemos esta semana para os nossos leitores, chama-se Júlio Maela Tomás. É natural de Inharrime, província de Inhambane, tem 24 anos de idade e está afecto na Direcção-Geral de Mobilização do Ministério da Defesa Nacional, em Maputo, onde exerce as funções de chefe de mancebos recém-incorporados.

Neste curto «bate-papo», conduzido por Orlando Muchanga, falamos da sua vida desde que ingressou nas Forças Armadas de Moçambique, no ano de 1986.

R — Fui mal recrutado...

P — Porquê?

R — Olha, eu trabalhava na fábrica de tintas — Pintex. Pela primeira vez depois de juntar algumas economias, pensei em dar uma saltada à terra dos meus velhos, de regresso fui incorporado no controlo de Inharrime por milicianos e imediatamente enviado para a instrução militar.

P — Isso não te afecta no cumprimento do SMO?

R — Afectou-me bastante nos princípios, mas agora o diabo já passou. Afinal, sempre tinha que passar por aqui. É sempre bom cumprir, quanto mais cedo melhor.

P — O que achas sobre o recrutamento em campanhas, ou sem prevenir o cidadão?

R — É muito mau, para além de não se poder seleccionar os quadros que devem nos servir. Assim, até se pode recrutar o próprio bandido armado.

P — Onde treinaste?

R — Prestei a instrução básica militar no Centro de Munguine, Manhica. Depois fui destacado para frequentar um curso de oficiais no Zimbabwe, onde fui devolvido por motivos de saúde.

P — És um doente?

R — Não é bem assim, doíam-me as costelas, fui internado, no hospital da província de Mutare e fiquei parcialmente curado. Concluí os tratamentos cá em Maputo e agora faço tantos movimentos que já me esqueci que alguma vez estive doente.

P — Depois dessas voltas foste logo afecto aqui nesta Direcção onde estás?

R — Sim, sempre trabalhei aqui.

P — Então és «Maria»...

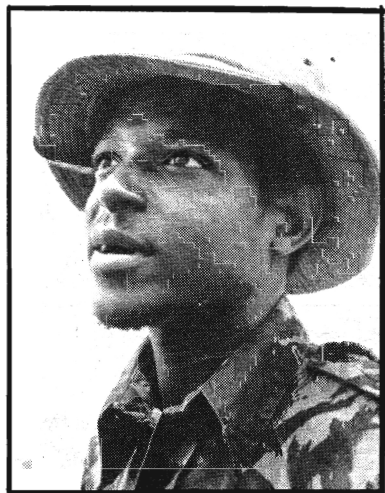
R — Nem pensar, já provei o cheiro da pólvora.

P — Como é que foi isso, costumam sair em manobras?

R — Não, estava de férias em Inharrime, como toda a gente dormia no mato, eu entrei em contacto com a posição mais próxima da minha vila. Lá atribuíram-me uma arma e passava todas as noites na posição. Um dia vieram os «matangas» que foram logo rejeitados, pegamos três deles com as respectivas armas, nós sofremos apenas um ligeiro ferimento.

P — O que achas desta guerra?

R — É uma loucura, os BA's não sabem o que querem.



P — Lês o nosso Jornal?

R — Frequentemente.

R — Que assuntos gostaria que fossem abordados pela página do Militar?

R — Gostaria de ver reportagens sobre a guerra e também sobre desporto, sobre tudo futebol de onze.

P — Jogas?

R — Muito. No ano passado, aqui na Direcção de Mobilização tínhamos uma equipa temível.